

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 42

Data: 17 de Dezembro de 1980

Pg.: _____

90 Defesa do Índio: uma questão em aberto

Vinicius PARIZZI

Lá esteve ele em Roterdã, participando, na qualidade de seu presidente, de um tribunal encarregado de averiguar as violações dos direitos humanos cometidos contra os indígenas no continente americano.

Se meditarmos sobre o fato, ocorre-nos indagar se a decisão do homem civilizado, de defender os nossos indígenas, não teria ocorrido com um atraso por demais notável.

Pois o que hoje se chama de crime contra o índio não chega sequer a ter sentido, se comparado ao que contra ele se praticou, logo depois da descoberta das Américas.

Para desalojá-lo de suas terras, os chamados colonizadores moveram-lhe luta cruel e tenaz. Sob a alegação de que o indígena, desnudo, primitivo, ímpio, não era gente, mas animal, e não tinha o direito de continuar vivo, milhares deles foram exterminados. E é impressionante lembrar que, aos que assim procederam, foram prometidas generosas recompensas, que seriam usufruídas tanto na terra como no céu.

Algum tempo depois de iniciada esta luta desigual, fez-se sentir no Brasil Colônia a necessidade de braços para a lavoura. Tentaram fazer do índio um escravo, recurso mais barato e mais seguro do que caçar o negro na África e transportá-lo depois para as Américas. Ele porém nunca aceitou submeter-se à escravidão e reagiu valentemente. A fim de evitar as suas represálias e sabendo-os imprestáveis aos seus propósitos, continuaram os colonizadores em sua faina de exterminar os remanescentes das tribos que os incomodavam. Mais uma vez, em nome dos "valores" da civilização, outros milhares foram dizimados, com requintes de maldade, bem ao estilo da época.

Este foi o procedimento geral dos colonizadores, tanto aqui como na América do Norte. Também foram eliminados os que não eram assim tão selvagens, como os Astecas,

Maias e Incas. E sempre em nome dos mesmos "valores".

Poucos são hoje os remanescentes dos primitivos habitantes do nosso continente, pois os que escaparam à morte acabaram se misturando às raças alienígenas. Estes remanescentes não poderão jamais constituir um Estado representativo, e esta impossibilidade nos leva a indagar: — O que seria melhor para o índio, permanecer selvagem, protegido pelos órgãos oficiais, segregado como raça, ou integrar-se à sociedade brasileira, da qual participam já numerosos descendentes de seus antepassados?

A história nos ensina que o isolamento nunca foi vantajoso para qualquer grupo étnico, para qualquer nação, ou comunidade. Poderá vir a sê-lo para o índio?

Não é o que a experiência nos permite concluir. São notórias as más condições de vida do índio americano e do aborígene australiano, ambos protegidos pelo Estado, e mantidos socialmente isolados do restante da comunidade.

Viciados, indolentes, servem apenas para satisfazer à curiosidade dos que desejam ver de perto um dos elos que nos ligam ao homem das cavernas. Se alegarmos que eles são vítimas do contacto com a sociedade civilizada, devemos perguntar como se poderia impedir que a civilização chegasse até eles, ou que eles fossem até à civilização.

Só se tudo regredisse ao tempo do descobrimento, ou seja, os índios aqui, e os europeus lá, com um oceano de permissão. De qualquer forma, a necessidade de maiores recursos minerais, de maiores áreas para plantar, criar, construir moradias e fábricas, acaba levando o homem dominador a disputar com os nativos a posse de suas terras. A luta pela sobrevivência vai se tornando cada vez mais acirrada, à medida que o homem precisa intensificar a exploração dos recursos naturais, a fim de satisfazer às necessidades de consumo das populações sempre crescen-

tes, dentro dos padrões de civilização, cada vez mais sofisticados e exigentes. Nesta luta, o mais fraco levará sempre desvantagem.

Representados os povos em uma escala por níveis de civilização, sempre que ocorrer um encontro inevitável, menores chances terão de classificação inferior.

É portanto, a nosso ver, inócuo e até mesmo cruel manter o índio segregado, primitivo, afastado da comunidade, como desejam os utopistas.

Mais certo, cremos, é guiá-los para uma vida integrada com os demais brasileiros, é instruí-los, é assegurar-lhes uma profissão e a posse individual da terra que lhes for necessária para uma vida decente. Poderão assim se tornar cidadãos comuns, preparados para a civilização, úteis à sociedade, e dela recebendo os benefícios a que todo ser humano tem direito.

Não serão felizes, se a isto forem levados?

Talvez esta tenha sido a razão de sua recusa, quando um tal oferecimento lhes foi feito, durante o governo anterior. Não sabemos se lhes foram realmente asseguradas as condições básicas de vida acima enumeradas, e por essa razão tenham recusado o título de cidadãos que lhes foi proposto.

Mas tal atitude não os livrará das pressões, cada vez maiores, que os civilizados exercerão sobre eles, resultantes das necessidades sempre crescentes das populações em expansão.

Despreparados, os índios não terão condições de resistir ao impacto final, e se tornarão miseráveis. É o que deverá ocorrer com os aborígenes australianos, ameaçados de serem desalojados das reservas federais, onde vivem, em virtude de terem sido ali localizadas ricas jazidas de bauxita e outros minerais.

Qual será a opinião do bravo cacique Juruna, a respeito de tudo isso?